

Esclarecendo ainda

Quando publicámos no n.º 37 o editorial «Esclarecendo», já sabíamos de antemão que o Snr. António Sérgio não daria a mínima importância àquilo que nêlo afirmáramos. Preparámo-nos até — é bem triste dizê-lo, mas a verdade é esta — para a eventualidade desagradável de sermos convidados a uma aposta de perús...

Os factos confirmaram as nossas previsões. O polemista, o pedagogo de outros tempos, que já há ano e meio tinha renunciado a sê-lo (a célebre aposta dos perús, para além de toda a ironia ou desprezo, é um gesto de decadência irremediável) — é hoje uma velha raposa matreira, que evita com método toda a discussão de que não tenha a prévia certeza de poder sair triunfante.

Mas, o silêncio calculado que o Snr. António Sérgio desejava poder manter, foi perturbado, parece, por um leitor «anónimo», que lhe escreveu a perguntar «se não é ingenuidade supor possível o instaurar o regime de abundância — de abundância para toda a gente — se'n vir a causar real prejuízo àqueles que já vivem na dita abundância (Ver «O Diabo», n.º 254). Quere dizer: houve um leitor, parece, que pensou que a possibilidade técnica da realização da abundância está condicionada pela posse e utilização colectiva dos grandes meios de produção (terra, subsolo, indústria, transportes), etc. E concluiu que era ingenuidade acreditar que aqueles a quem a utilização privada desses meios de produção garante um lucro estivessem dispostos a privar-se dêlo. É sensata, como se vê, a ideia do tal leitor «anónimo». Êle viu que a solução «cultural» do Snr. António Sérgio, que a combinação da tecnocracia e do cooperatismo — tal como aqui dissemos — não é meio de tornar possível, socialmente, a abundância para todos, que o desenvolvimento das forças produtivas e da técnica moderna tornam possível em abstracto.

¿Que respondeu ao leitor «anónimo» o Snr. António Sérgio? Que não é nem pode ser um ingénuo, porque afirmou a possibilidade da abundância no campo da técnica, que é aquele em que está colocado e porque aí, como no campo da ciência em geral, a noção da ingenuidade é destituída de sentido (Ver «O Diabo», n.º citado). Vê-se portanto, com grande espanto nosso, que o político que prefaciou a tradução portuguesa do Programa Cooperatista de Carlos Gide, que o polemista que quis demonstrar ao «irmão católico» que a abundância pela técnica, isto é, sem subversão, é uma ideia essencialmente cristã, que o entrevistado que afirmava a «O Primeiro de Janeiro» que o problema social poderia ser resolvido de maneira inteiramente pacífica pela utilização racional dos progressos da técnica, pela eliminação do lucro — **ESTÁ COLOCADO NO CAMPO DA TÉCNICA!** Aqui temos, Senhores: o Snr. António Sérgio anuncia para este século

uma grande revolução «em que, sem abaixar o nível da classe média, mas elevando-o mais,—subirá até êle o dos actuais proletários, e as distinções de classes serão abolidas, graças a um novo regime económico em que o lucro será abolido e se dará a hegemonia ao consumidor («Seara Nova» n.º 604). Ao que pode supor-se, depois de sabermos que o Snr. António Sérgio está «colocado no campo da pura técnica» (sic), essa revolução magnífica será feita pelas turbinas e pelos condensadores, pelos guindastes e pelas debulhadoras mecânicas!... Senhores: o autor dos «Ensaio» confia na eliminação do lucro levada a cabo pelas cooperativas de produção e de consumo fundadas pelos pistões e pelas bielas!...

Como se vê, o Snr. António Sérgio, o ingénuo que afinal não é ingénuo, é um sabido nestas coisas de polémica... indirecta. Quando viu o caso mal parado e o utopismo cooperatista-technocrático desmascarado — tratou logo de declarar, em resposta ao leitor «anónimo» que está colocado no campo da pura técnica. Concordemos: êsse campo, puramente cultural, é muitíssimo socegado e muitíssimo cómodo. Foi o que adoptaram os tecnocratas na América do Norte há perto de quinze anos, com resultados negativos surpreendentes... Mas, talvez que o insucesso prático, concreto dos tecnocratas norte-americanos venha de não terem ido, «como técnicos», suplicar de joelhos a cada um dos seus leitores que pensassem na possibilidade técnica da abundância, como o Snr. António Sérgio sonha às vezes que desejaria poder fazer!...

Temos de reconhecer que quem como o Snr. António Sérgio vê a necessidade de libertar a técnica moderna e as forças produtivas materiais das categorias jurídicas que a embaraçam e, ao mesmo tempo, vem declarar-se colocado no campo da pura técnica — deve limpar as mãos à mesma toalha de Pilatos. Porque Pilatos também era um técnico; mais, como disse alguém, era um democrata. Entregou um inocente à maioria!

«O que primeiro importa — ao que quer parecer ao Snr. António Sérgio — é levar ao conhecimento dos homens a possibilidade técnica da «abundância». E nós preguntamos: ¿e como obviar à actual utilização privada dos instrumentos e máquinas que constituem a técnica moderna? ¿E como obviar à actual utilização privada das forças produtivas materiais? ¿E como abrir caminho à nacionalização dos grandes meios de produção? «Isso, escreve o cooperatista Snr. António Sérgio — é já um problema de diversa indole, que cai fóra do campo da pura técnica, que é o campo em que eu me coloquei: e acho muito bem que os outros pensem nêlo» («O Diabo», n.º cit.)

Pilatos, êsse grande técnico, não teria com certeza dito melhor...

EXPEDIENTE

Pedimos aos nossos estimados assinantes: — que nos indiquem sempre as suas mudanças de morada.

— que façam o possível por paqarem as suas assinaturas com prontidão visto não termos outros recursos.

dois

Na linha quebrada da nossa época...

1

E' preciso que nos habituemos a não ver na crítica um jôgo, um prazer do espirito, ou um pretexto para chapeladas e reverências liberais. A crítica é incompatível com a tolerância. Criticar é conhecer as contradições das coisas e denunciá-las. A crítica verdadeira não deve perder-se em compromissos dúbios. «A crítica deve ir até à execução» — disse Georges Politzer.

2

Aquele nosso companheiro tem um livro quasi pronto há perto de dois anos. Mas como o seu livro pretende ser «uma obra extraordinária», daqui a vinte anos, êle trará ainda o seu livro em preparação. Entretanto, como o escrever tal livro lhe absorve toda a actividade, o nosso amigo não tem tempo para escrever artigos para todos, sobre os assuntos do dia a dia. O nosso amigo é, à sua maneira, um pequeno traidor da causa da cultura...

Moderno Dicionário da Língua Portuguesa

PELO

DR. FRANCISCO TORRINHA

O mais completo e procurado dos Dicionários portáteis e que maior número de vocábulos contém. De harmonia com a ortografia oficial, registando todas as alterações constantes da portaria n.º 7.117 — «Diário do Governo» de 1 de Julho de 1931

Preço, encadernado em lona — 25\$00

EDIÇÃO de

DOMINGOS BARREIRA

— Libreria Simões Lopes — Rua do Almada, 119 — PORTO

sol nascente